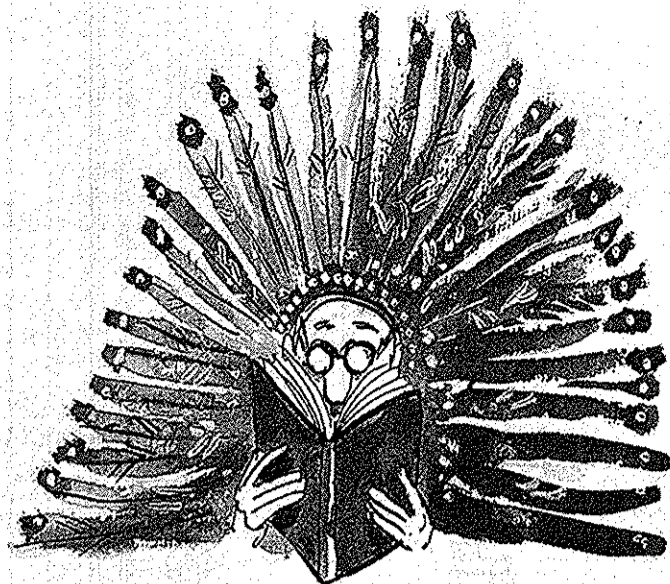


Documentos  
 JT  
 Fonte  
 Data 16/4/2000 p. 52  
 Class. 126



## Histórias para a Semana do Índio

Exemplos de amor à vida, ao próximo e à natureza, e de crença em um poder maior, que une a todos e por todos é responsável

Orlando Villas Boas conta uma história perfeita para se ouvir às vésperas do tal Dia do Índio, sobretudo no barulhão dos 500 anos. Estavam ele e Cláudio, seu irmão, sentados num tronco no meio da aldeia, quando um dos nativos se sentou ao lado, apontou para cima e disse: "Lá é o céu... No céu do céu, está lá". Aí Orlando perguntou: "Quem? O velho que sabe tudo é que está lá?" O homem se levantou e falou: "Lá não tem ninguém! Lá tem uma sabedoria!" Anos mais tarde, o indigenista contou isso aos jesuítas, e um deles comentou: "Vêem, irmãos? Nós falamos em catequese de índios, mas os índios já chegaram lá..."

Não é uma história para crianças, claro. É uma história para adultos que queiram dizer a seus filhos algo mais sobre os personagens festejados esta semana nas escolas. Teologia à parte, o reconhecimento arrependido que os evangelizadores têm hoje pela grandeza da cultura indígena, tantos séculos depois, revela como a idéia de um Criador, de uma sabedoria ou uma força superior pode ser um instrumento de felicidade, de saúde e integridade.

Os povos da floresta mostram como faz bem cultivar mitos e ritos que falam de algo poderoso, que faz bem, protege, dá a vida e todas as suas coisas, de graça. O mesmo "algo" que impõe dissabores e tormentas, não por ser mau mas porque tem sua própria dinâmica na busca da harmonia, apesar do Homem e suas vontades.

Longe de ser uma imagem para embalar o conformismo, o Ser Supremo dá a segurança essencial de que cada criança nascida no mundo foi desejada.

É a imagem do desejo, sem o qual não se vive como gente. Por isso as culturas indígenas são tão marcadas pela celebração da vida, ainda que entre as lágrimas de rituais fúnebres.

Seus mitos que falam da existência humana contam de uma misteriosa força que põe gente na Terra, sem nada exigir, falam do primeiro homem que cerrava chifres e presas das pessoas que surgiam de um buraco no chão, para torná-las humanas. Assim eles se sentem, desde a infância, obras de um poder universal. O mesmo que vêem se manifestar a cada dia na mata, na aldeia, em qualquer lugar ainda não desfigurado pela "civilização".

Difícil ver este Criador sobre o asfalto, entre gôndolas de supermercados. E daí vem a dificuldade ainda maior de dar aos pequenos cidadãos urbanos a noção de que pertencem a um grande desejo. Um déficit que fre-

quentemente mexe com a disposição de crescer, ter projetos e sonhos, que abala a própria fé na vida.

E não é só a paisagem que bloqueia esta conexão com o divino. Aliás, a paisagem inorgânica das cidades é apenas mais um reflexo dos enganos da cultura do concreto, que desenvolveu a desastrosa pretensão de dominar a natureza com semideuses e seus projetos.

Se os índios enxergam a grande sabedoria é porque a preservam em cada árvore e rio, e a preservam porque nunca deixaram de vê-la; do lado de cá, em algum momento a visão enturvou-se. O notável conhecimento intelectual da sociedade urbana trouxe também a ilusão do poder crescente, que ainda não encontrou limites.

A linguagem cotidiana é a do controle, da apropriação, e se manifesta nas pequenas cenas, como no passeio que não é passeio, e sim uma longa sessão de fotos e vídeo para capturar imagens. Sem contato com os ciclos da natureza - que ainda existem! -,

não há como compreender a relação direta entre as atitudes pessoais e suas consequências para os outros, as coisas, o mundo.

É como não ter chão. Esquece-se que a comida vem da terra e não da prateleira, que a água vem do rio e não surge magicamente na mangueira que esguicha para lavar a calçada. Um torpor que só se desfaz quando um rio qualquer, desviado arbitrariamente e entupido de terra e lixo, vomita nas canelas de indignados cidadãos. Não basta, porém, para fazer despertar realmente. Talvez ajude, então, mostrar de onde vêm e quem faz os hambúrgueres deliciosos que os pequenos saboreiam no domingo à tarde, contar como se faziam os sanduíches antigamente, o pão caseiro da vovó...

Qualquer coisa vale para vencer as nuvens que separam as crianças daquilo que-

ainda - sustenta e existência no planeta. Vale cultivar o divino na natureza, em lugar da violência virtual e ansio-

gena dos games, que acostumam seus sentidos à indiferença entre viver e morrer. E contar sobre o respeito que seus amigos da floresta têm pelos rios, onde muitos sequer fazem xixi - diferente do que ocorre em assépticas piscinas de clubes chiques -, pelos bichos - mesmo os que caçam para comer -, pelos ancestrais que, desejados no princípio dos tempos, também desejaram seus descendentes, criando uma cadeia milenar de valor à vida, onde há sempre alguém - lá em cima, aqui em baixo ou em qualquer lugar - que nos quer bem. Tenha o nome que tiver.

**Se os índios enxergam a grande sabedoria é porque a preservam em cada árvore e rio**

**Esquece-se que a comida vem da terra e não da prateleira, que a água vem do rio e não surge magicamente**